

# Mais mulheres na Medicina

Entre os médicos com menos de 29 anos, elas já são maioria e agora dominam áreas como endocrinologia e dermatologia

Kelly Kalle

A Medicina brasileira está se transformando numa profissão com maioria feminina. A tendência começou em 2006 e se consolidou a partir de 2008. Em 2011, 54% dos 14.634 médicos formados no País foram mulheres.

Entre os alunos que ingressaram em cursos de Medicina em 2011, as mulheres representaram 56% do total, indicando que a participação delas só tende a aumentar.

Os dados vêm de dois trabalhos inéditos da Universidade de São Paulo (USP). No total de médicos em atividade no País, os homens ainda predominam (58,7%). Mas entre os profissionais mais jovens (abaixo de 29 anos), as mulheres já são maioria (53,3%).

Elas dominam áreas como dermatologia, pediatria, endocrinologia e genética, mas ainda são minoria em especialidades como urologia, ortopedia e cirúrgicas.

Na opinião de especialistas, o perfil demográfico da Medicina no País, historicamente centrado na figura masculina, passa por uma transformação jamais vista.

Para o diretor interino da Faculdade de Medicina da USP, o anestesista José Otávio Auler Júnior, a inversão tem razões culturais e de



FORMADA AOS 23 ANOS

“Quando me formei, sempre perguntavam minha idade e se tinha experiência na área”

Camila Xible, dermatologista, 37 anos



FORMADA AOS 25 ANOS

“Muitos pacientes entram na sala e se surpreendem por ser tão jovem”

Lorena de Luna Gusmão, médica formada em Nutrologia, 27 anos



FORMADA AOS 23 ANOS

“As mulheres sabem lidar melhor com o paciente, são mais criteriosas”

Alessandra de Melo, dermatologista, 36 anos



FORMADA AOS 23 ANOS

“As mães preferem pediatra mulher, pois também somos mães e entendemos mais os problemas”

Nadia Kleine, endocrinopediatra, 35 anos

mercado. “Os homens têm preferência por profissões que lhes deem mais dinheiro a curto prazo, como a área financeira, ‘business’. Já a mulher, que tem uma vocação natural para o cuidar, não tem essa preocupação”, afirma.

Segundo ele, a mulher que decide ser médica tende a optar por es-

pecialidades da atenção primária, que a permitam conciliar a carreira com o casamento e os filhos. “Preferem áreas com horários definidos ou em regime de trabalho parcial.”

De acordo com a pediatra Patrícia Tempiski, pesquisadora Faculdade de Medicina da USP, apesar do aumento do número de mulhe-

res na Medicina, ainda falta equidade de oportunidade numa profissão que por séculos foi tradicionalmente masculina. “Quando têm filhos, elas produzem menos artigos científicos que seus colegas homens. Quando não os têm, produzem tanto quanto eles.”

Como na maioria das profissões,

as mulheres médicas tendem a receber salários mais baixos do que os homens em cargos semelhantes, apontam estudos internacionais. Nos Estados Unidos, por exemplo, mulheres médicas ganham de 25% a 35% menos do que os seus colegas homens. No País, não há pesquisa nessa área.

## Mudança deve influenciar cuidado

O professor de Medicina preventiva da Universidade de São Paulo (USP) Mario Scheffer, autor de um dos estudos que analisou a feminização da Medicina, ou seja, que as mulheres estão cada dia mais inseridas na profissão, diz que a mudança deve influenciar o modelo de cuidados de pacientes e a organização dos sistemas de saúde.

Estudos internacionais apontam que há vantagens e desvantagens nessa participação da mulher na Medicina.

Entre os pontos positivos está o fato de que a mulher tem mais preferência por especialidades básicas, como pediatria e ginecologia.

A ala feminina também é elogiada por discutir mais os tratamentos com os pacientes.

Elas também recebem elogios por serem menos afoitas do que os homens na incorporação de tecnologias desnecessárias que encarecem os sistemas.

Por outro lado, segundo Scheffer, as mulheres tendem a ter cargas horárias menores, menos vínculos de trabalho (o médico, além do consultório, tem em média outros três trabalhos), dificuldades em se fixar em áreas distantes e se

aposentam antes dos homens.

A endocrinologista pediátrica Christina Hegner reforçou que, em geral, as mulheres são mais determinadas.

“Muitas estão em cargos de coordenação de postos, setores médicos e hospitais, pois são mais determi-

nadas, esforçadas e têm um pouco da questão da liderança. Muitas têm esse dom por serem mães e treinarem esse talento em sua segunda jornada, que é em casa, organizando a casa e a família. Elas são mais exigentes e lidam muitas vezes com mais carinho com o paciente.”

## Os números Homens ainda são a maioria

Em 2011  
**54%**  
dos 14.634  
médicos  
formados no  
País foram  
mulheres

56% dos  
alunos que  
ingressaram  
em cursos de  
Medicina no  
Brasil em 2011  
foram  
mulheres

### FEMINIZAÇÃO DA MEDICINA

58,7% dos médicos hoje em atividade no País são homens

53,3% dos profissionais mais jovens (com menos de 29 anos) são mulheres

### Especialidades

> 72,7% dos médicos na área de dermatologia são mulheres  
> 70% dos profissionais pediatras são mulheres  
> 64% dos endocrinologistas e geneticistas são mulheres  
> 5% dos ortopedistas são

mulheres  
> 1,2% dos urologistas são mulheres  
> 8,6% dos cirurgiões do aparelho digestivo são mulheres  
> 80% são homens em 13 das 53 especialidades médicas

FONTE: Pesquisas da Universidade de São Paulo (USP).

### Salários

> 25% A 35% a mais os homens recebem em relação às colegas médicas mu-

lheres, nos EUA. O levantamento não foi feito no País

### CUIDADO



## Dedicação entre as pediatras

No curso de Medicina, os colegas homens da pediatra Leina Zorzanelli, 31, já eram minoria, entre 30% e 40% de uma turma de 130 alunos. Quando entrou para a residência médica, ela viu o número cair ainda mais: só cinco em meio a 40 mulheres.

Na segunda residência, em cardiopediatria, eram sete mulheres e

um homem. E tem sido assim no ambiente profissional.

“É muita mulher. Às vezes, é preciso ter um homem para contrabalançar as emoções”, diz Leina.

Mas ela vê vantagens em trabalhar em equipes femininas. “As mulheres são certinhas, dedicadas, trabalham bem em grupo.”